

O SENTIR/FALAR A PARTIR DOS (RE) ENCONTROS COM MULHERES AMAZÔNICAS

Data de aceite: 01/04/2024

Alessandra Silva

Doutoranda em História da Educação matemática em pesquisa na linha de pesquisa formação de professores pela Universidade Federal do Mato Grosso. Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará na linha de pesquisa de formação de professores Participante do grupo de pesquisa HEMEP/UFMT

Kaly Nancy Lisboa Rego

Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará na linha saberes e educação na Amazônia. Participante do grupo de pesquisa CUMA/PPGED/UEPA. Atuando hoje como especialista em educação pela Secretaria do Estado de Educação do Pará

RESUMO: Esta produção é sobre as narrativas de mulheres, pesquisadoras, mães e avós que contam seus afetos e atravessamentos no contexto Amazônico. Diante dessas histórias de vida de mulheres amazônidas, foi possível sentir o mundo, em diferentes (re) encontros. As autoras relatam encontros que fazem parte de suas memórias, captadas da sabedoria popular resultantes de diálogos e reflexões entre as mulheres em seus campos de pesquisas.

Considerando a metodologia da oralidade, narram o que seria uma vida melhor. Foi percebido nas falas os diferentes sentidos e significados disto, dentre eles a mudança do seu lugar de origem, a busca de oportunidades de trabalho, a constituição da família, direito à terra para produzir e o acesso à escola/universidade. Para isso, as conversas com as mulheres foram transcritas com as devidas autorizações para fins de pesquisa, e em algumas conservou-se na transcrição a maneira de falar da pessoa, feito com muito respeito, pois o texto mistura sotaques e corpos-políticos de conhecimento, relaciona histórias de vida com vozes. Por meio das narrativas, foi possível conhecer os saberes, os modos de sentir, fazer, principalmente, os dilemas e lutas diante da invasão cultural, uma floresta de produção de conhecimentos outros e de uma educação (por vezes analfabeta) como cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Educações. Narrativas. Mulheres. Amazônia.

(RE) ENCONTROS E AFETOS...

O isolamento social por vezes nos faz lembrar encontros e pessoas importantes. Os relatos aqui são feitos por pesquisadoras que também são mães, filhas e tantas outras em uma só. Foi no início de 2021, em um desses encontros via plataformas digitais que Alessandra Silva e Kaly Nancy Rego, ex-colegas de turma 2017 do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, sentiram a necessidade de escrever sobre seus afetos como pesquisadoras, pesquisando no contexto Amazônico, acerca das histórias de pesquisas e dos reencontros com outras mulheres amazônicas que se constituiu o enredo deste texto. As autoras destacam a presença de mulheres que se fixaram como representações do mundo amazônico durante pesquisas e posterior a elas, como exemplos de vidas, por meio das memórias dos diálogos, captadas da sabedoria popular, resultantes de conversas e reflexões em laços de vivências. Ficou claro nas mulheres apresentadas nas narrativas, os diferentes sentidos e significados do que seria uma vida melhor na Amazônia, dentre eles a mudança do seu lugar de origem, a busca de oportunidades de trabalho, a constituição da família, direito à terra para produzir e o acesso à escola/universidade.

Para isso, as conversas com as mulheres foram transcritas com as devidas autorizações para fins de pesquisa, e em algumas conservou-se na transcrição a maneira de fala da pessoa, feito com muito respeito, pois o texto mistura sotaques e corpos-políticos de conhecimento, relaciona histórias de vida com vozes. O objetivo principal foi transcrever as falas potentes, àquelas que foram silenciados por pesquisas convencionais, marginalizadas ou colocadas em situações de vulnerabilidade na vida social, mas quando lhe oportunizam, falam de maneira ímpar o mundo que é o fio condutor de suas trajetórias. A história de vida é entendida como uma possibilidade de descobrir uma dada realidade social, na qual os sujeitos são importantes e interagem.

A narrativa pessoal pode ser entendida como uma forma de usar a linguagem ou outro sistema simbólico para permear eventos de vida com um ordem temporal e lógica, para desmistificá-los e estabelecer coerência entre os passado, presente e uma experiência não realizada, acredita-se na diferença entre contar uma história sobre outra pessoa e contar uma história com outra é importante bem como pesquisando e pesquisando com (OACHS & CAPPS, 2001 apud MORIÑA, 2017),.

“OUTRAS EPISTEMOLOGIAS, SIM! DE MULHERES AMAZÔNICAS”

As vivências narradas e dissertadas neste texto vão em direções diferentes daquelas que estamos acostumadas, pensamos juntas com Gebara (1997) ao trazer os sentimentos, dizeres e fazeres, por vezes tratados como assuntos abstratos, difíceis de compreender na nossa vida cotidiana mas de perceber a importância capital de questões epistemológicas consideradas a partir de nossa experiência, trazendo a palavra “epistemologia” num sentido amplo, não restrito à filosofia que se preocupava em refletir a adequação de nossas ideias à realidade (GEBARA, 1997, p. 28).

A tarefa epistemológica não é desmascarar nossas utopias, desvendar nossos sonhos ou destruir a poesia de nossa existência. Sua tarefa é mostrar que o “conhecimento” no sentido religioso pode ser um caminho de Justiça e de Amor, ou de submissão e Injustiça, se não estivermos atentas(os) para o fato de que contém uma força incrível. E a força de nossos sonhos e crenças profundas, do fio que interliga todos os elementos de nossa vida e ajuda a construir o sentido dado a nossa existência (GEBARA, 1997, p.27).

A região Amazônica sendo composta de uma diversidade sociocultural é importante a discussões sobre as diferentes educações, considerando que a Educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes, reduzir nossas experiências a um modelo único de educação, e a escola por vezes o único lugar onde ela ocorre, conseqüentemente, somos condicionados a sermos professores com legitimidade para educar. “Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender” (BRANDÃO, p.04). Existem inúmeras educações e cada uma atende a sociedade em que ocorre, pois é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria.

AS FALAS QUE ENSINAM...

*Aprendi a ler em casa com minha cunhada, mas só com 42 anos de idade eu tive meu primeiro contato com o Ensino Regular quando estudei até a quarta série, na cidade de Paraíso do Tocantins. Os professores eram ótimos e a merenda também, o que me motivou a estudar foi a vontade de escrever e ler corretamente, minha disciplina favorita é português, mas encontro dificuldade para ler palavras complicadas. Durante minha vida trabalhei lavando roupas para fora e costurando, em uma missão árdua para vencer um dos maiores desafios de minha vida; criar nove filhos sem ajuda do pai. Três filhos meus vieram a Santana do Araguaia em busca de oportunidade de trabalho e eu os acompanhei. Enfrentei muitos obstáculos até realizar o sonho de ter minha própria casa, se vocês me consideram vencedora, **foi assim que eu venci!***
(Rosa Coutinho - 70 anos)

As narrativas das mulheres como a da senhora Rosa Coutinho Martins que nasceu dia 05 de setembro de 1950 na cidade de Grajaú - MA (seus pais morando na roça e vivendo da agricultura familiar) nos ensina a história de boa parte do povo da Amazônia. Ela conta que as coisas eram muito difíceis e todos da casa tinham que trabalhar, além disso, as escolas ficavam muito distantes de casa e por esse motivo não frequentou a escola na infância. Já em outra narrativa, Maria Pereira Moraes, mulher de 64 (nascida em Cristalândia, Goiás) desde pequena sempre morou na “roça”, aos 16 anos veio para o Estado do Pará, já com três filhas, teve ao todo treze filhos. Suas filhas não terminaram o ensino médio e até não estudam mais, porém muitos dos seus netos já são formados e ela fica muito feliz com isso. Em relação à escolaridade, nunca chegou a frequentar uma escola, pois sempre teve que trabalhar para sustentar a casa, casou-se cedo o que dificultou ainda mais a ida para a escola, pois tinha agora filhos para cuidar. A educação

para a Dona Marina, como gosta de ser chamada, baseia-se no que dizia seus pais, seu bom comportamento mostrava que ela era educada.

Como diria Paulo Freire, Dona Marina é protagonista de sua história “gosta de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim, observo como vivo” (FREIRE, 1987, p. 07). As falas carregadas de saberes do cotidiano, fazem a análise do que mudou dos tempos de outrora para os dias de hoje, suas condições de analfabetas no mundo atual e seu papel de mulher, esposa, mãe e mantenedora de seu sustento.

Narrativas outras originam-se do contexto de pesquisa de reconhecimento com estratégias etnográficas na comunidade da Vila de Santa Maria de Tracuateua/PA onde iria se realizar uma pesquisa maior com as crianças da Vila.

“A modernidade... pode falar que a energia, né. A energia que antes tava no escuro. A energia. A água, agora encanada. Que mais?... O tempo tá mais fácil. Tá melhor. Com a minha família tá melhor, agora com os outros eu não sou chegado, sabe como é, eu não sou chegado.

É ruim esse negócio de ladrão. Antes não tinha. Dormia de porta aberta. Agora tá perigo. Agora tá perigo muito mesmo, que a gente não pode nem sair de noite. Esse que é o lado que tá mais ruim pra nós, é isso. É um risco doido da gente sair, agora tá essa arrumação.

Eu faço muitas coisas antigas, nós idosos não esquece dos antigo. É minha filha... tá na vida. O celular que eu pego telefone pros meus filhos, aí não sei o numero, aí eles deixam no papel pra mim. Eu sou analfabeta né, mas eu vejo no papel e boto no telefone.

Não é todos mas, muitos tem cavalo, muitos tem gado, tudo tem. Eu tenho uma família que Deus ajuda e eles tem tudo. E continua nos mais novos.

Antes era muito difícil. Muita coisa era muito difícil. Agora tá mais fácil. Nós andava de pé. Agora ninguém anda mais de pés, é difícil. Tracuateua, pensa que tá lá, já tá aqui, rapidamente. Nós ia de manhã, chegava já de noite. Agora não, a gente vai de moto, é carro, é bicicleta. A gente vai depressa. Não imagina mais ir lá. Eu quero dizer que tá mais fácil, né.” (Maria Rosa Reis de Aviz (D.Rosa - 78 anos).

Na forma de expressão peculiar de mulher simples nos remetendo a um clima no campo, um panorama da vida na Amazônia (daquele pedaço de Amazônia). Mas o que essas mulheres apresentavam como vidas em suas narrativas naquele momento, envolveu-nos de tal forma que estas mulheres foram durante toda a pesquisa maior em curso e até hoje o pano de fundo ilustrativo da ação do tempo, da cultura e dos sentimentos que prendem aquela gente naquele lugar.

“É doença que modificou muito nesse tempo... não ver mulher, tinha filho em casa não, não ia para o hospital, tinha gozava saúde e agora mais mulher nesses tempos tão parindo só tem no hospital e às vezes ficam doentes de barriga e isso e aquilo. No nosso tempo nós tinha resguardo e as mulheres de agora não tem resguardo. Tudo isso modificou muito, as crianças adoeciam, mas era essa dor de cólica, mas então era difícil aparecer e agora de vez em quando tá morrendo uma criança lá pro hospital, mas eu não sei, aí eu não sei. Esse negocio de doença coisa que nunca ouvir falar agora que tô vendo nome de doença que tá dando no hospital.

Muitas coisas tá diferente do meu tempo. No meu tempo de nova achava outra coisa melhor, agora melhora porque passa na porta não carece você ir atrás agora passa na porta, tenho dinheiro e vem a carne, padeiro, e muito, a carne, o peixe, tudo para aí, açai, tempo de abacaba.

O povo, ele pesca, tem malhadeira, caniço, quando o peixe dá mesmo, é muita gente pegando peixe, as vezes o peixe dá até R\$8,00 reais. É, tem algumas coisas que não muda, tem, tem muitas que mudaram...

A farinha só tem tempo que dá, agora porque o pessoal começaram a lavrar a roça uns começaram a desmanchar e outros com precisão pra vender, tava dando dinheiro, agora fracassou porque ela baixou e não são todos que tem roça, muitos acabaram mais muitos tem ainda. Quando dava até R\$350,00 reais o saco e agora foi baixando, baixando. No tempo que tinha marido, nós tinha roça, mas depois que ele morreu tá com 18 anos de morto, depois que ele morreu não tem.

Agora tá melhor pra quem tem o dinheiro pra comprar o que passa na porta, tá melhor. Na porta vem laranja, vem tudo, tendo dinheiro. O leite vem 3 vezes na semana. Hoje ele não veio, ficou de vim hoje, mas ele não veio. 3 vezes na semana, aquele garrafão de 2 litros é R\$5,00 reais. É R\$2,50 o litro”. (Eulália Maria de Aviz (D.Dadá¹ - 95 anos)

Há de se perceber que na comparação entre os dois mundos vividos (o ontem e o hoje) essa Amazônia representada mudou. E que uma invasão de culturas mil se apresenta hoje, principalmente pelos mais novos da Vila. Por isso a fala da D, Rosa sobre o uso do celular. Nossa compreensão de invasão da Amazônia está baseada na teoria de invasão cultural presente em Freire (2006) e utilizada por muitos outros (Walsh – 2009, Oliveira – 2015) em que a invasão cultural se funde à dominação colonial num esforço de destruição.

Loureiro (1995) consegue descrever bem a cultura nas Vilas Amazônicas contando o cotidiano de “atividades que não estão diretamente voltadas para o mercado, mas garantem parte considerável da autossustentabilidade” citamos: a virada de terra, o lavoura, a capinação, a colheita, a farinha, o extrativismo das frutas, o cultivo das ervas. E ainda acompanha a descrição desenvolvida pelo autor “as atividades que geralmente estão pouco articuladas com o mercado (...), mas garantindo parte de sua autossuficiência” no qual podemos citar: a preparação das festas da Santa, as rezas, as procissões, as danças, cantos e competições. Povos da floresta inferiorizados, sentenciados em suas filosofias e oprimidos em seus desejos e esperanças.

¹ D.Dadá faleceu alguns anos depois dessa entrevista e ainda lúcida indagava em um de seus últimos diálogos com a família como estavam os campos, se a chuva foi forte o suficiente para enche-lo, como estavam os animais. Preocupações de uma mulher que dedicou seu corpo ao sentir e o agir na Amazônia de seu território.

A propósito da discussão sobre modelos interpretativos é bem exemplificador ouvir os indígenas de nossa região sobre algumas convenções sociais à modelo de uma racionalidade ocidental moderna. Temas como educação, constituição do jovem índio, religiosidade e sagrado, relação homem / natureza fogem completamente a qualquer padronização “branca”. Tem um homem da floresta, como conceitua LOUREIRO (1995), de enraizado “devaneio” com a natureza, onde tudo se explica da floresta, dos rios e dos espíritos. Como explica o próprio Loureiro (1995, p.16):

onde os mistérios da vida se expõem com naturalidade, o numinoso acompanha as experiências do cotidiano e os homens são eles ainda e ainda não os outros de si mesmo.

Mota-Neto (2016) ainda acrescenta que outro ponto de análise nesta colonialidade é que o europeu, no inchaço da verdade única de sua cultura, foi incapaz de entender a ótica desconhecida que eram as Américas. As narrativas de mulheres Amazônidas retratam o espaço que temos, o saber que acumulamos e o poder que resistiremos ver roubado, Amazônidas que somos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28o ed., 1993.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MORIÑA, Isabel. **Investigar con Historias de vida**: Metodología biográfico-narrativa. Narcea, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização** / Paulo Freire; tradução de Thiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 201.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 29ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para pensar o conhecimento e a religião. Olho d’água, 1997.

LOUREIRO, Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: Uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

MIGNOLO, Walter – **El Pensamiento Decoloni Desprendimiento / A – pertura. Um manifesto** In: CASTRO – GOMEZ, Santiago; GRUSFOG Ramos (Org.). **El Gino Decolonial: Reflexines para uma diversidade epistêmica ma allía Del capitalismo global**: Siglo de Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javerina, Instituto Pensar, 2007.

MOTA NETO, João Colares de. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Falo Borda / João Colares da Mota Neto. Curitiba: CRV. 2016.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire**: gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CVR, 2015.

QÜIJANO, Aníbal. **Mundos / Conocimientos de Otro modo**: El programa de investigación de modernidad / Colonialidad.

Walsh, Catharine. **Interculturalidade Crítica e pedagogia Decolonial**: in - surgir, re - existir e re - viver. In: CANDAU, Vera Maria (ORG.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: sete letras, 2009.